

A PROPÓSITO DA “RESPONSABILIDADE COLETIVA”

Errico Malatesta

NOTA DA REDAÇÃO DE *STUDI SOCIALI*

Traduzimos abaixo uma carta de E. Malatesta ao Grupo Anarquista do 18º distrito de Paris, escrita em março ou abril passado e publicada em *Le Libertaire* (Paris, nº 252, 19 de abril de 1930). Com esta carta, Malatesta reconfirma sua opinião sobre o conceito de “responsabilidade coletiva” das organizações, sobre o qual então (antes do último congresso dos anarquistas franceses organizados) se fazia em *Le Libertaire* uma discussão acalorada.

* * *

Vejo uma declaração do grupo do 18º, em que se defende, de acordo com a Plataforma dos russos e com o companheiro Makhno, que “o princípio da responsabilidade coletiva” é a base de toda e qualquer organização séria.

Eu já tinha dito, na minha crítica à Plataforma e na resposta à carta aberta recebida de Makhno, qual é a minha opinião sobre esse pretenso princípio. Mas visto que se insiste numa ideia, ou pelo menos numa expressão, que me parece mais apropriada numa caserna do que num grupo anarquista, se me for permitido, espero dizer ainda algumas palavras sobre essa questão.

Os companheiros do 18º dizem que “os anarquistas comunistas devem pretender que sua influência se exerça com a maior probabilidade de sucesso e não obterão tal resultado senão na medida em que a sua propaganda se desenvolva de modo coletivo, permanente e homogêneo”. De acordo! Mas ao que parece, isso não ocorre; pois os companheiros lamentam que “em nome da mesma organização, aos quatro cantos da França se difundem as teorias mais diversas, ao fim e ao cabo, mais opostas”. Isso é muito deplorável, mas significa simplesmente que esta organização não possui um programa claro e preciso, compreendido e aceito por todos os seus membros, e que no seu seio se encontram, confundidos debaixo de uma etiqueta comum, pessoas que não

têm as mesmas ideias e que deveriam agrupar-se em organizações diversas ou ficar isolados se não encontrassem quem pensasse como elas.

Se, como dizem os companheiros do 18º, a Union Anarchiste Communiste Révolutionnaire (UACR) não faz nada para estabelecer um programa que seja aceito por todos os seus membros e para se colocar em posição de poder agir coletivamente nas situações que se apresentam, se, em suma, a UACR tem falta de preparação, de coesão, de acordo, aqui está a raiz do seu mal e é isso que é preciso remediar. E não se remediará em nada proclamando uma “responsabilidade coletiva” que, se não é submissão cega de todos à vontade de alguns, é um absurdo moral em teoria e, na prática, a irresponsabilidade geral.

Mas talvez isso tudo não seja mais do que uma questão de termos.

Já na minha resposta a Makhno eu dizia: “Talvez, falando de responsabilidade coletiva, você se refira precisamente ao acordo e à solidariedade que devem existir entre os membros de uma associação. Se é assim, sua expressão significa, na minha visão, um uso incorreto de linguagem, mas isso seria apenas uma questão irrelevante de fraseologia e logo alcançaríamos a concordância.”

E agora, ao ler aquilo que dizem os companheiros do 18º vejo-me em acordo substancial com sua maneira de conceber a organização anárquica (muito longe do espírito autoritário que a Plataforma parecia revelar) e estou vendo confirmada a minha esperança de que, sob uma diferença de termos, se encerra verdadeiramente uma identidade de propósitos.

Mas, se isso é assim, porque insistir numa expressão que é contrária ao objetivo de esclarecimento e que é uma das causas do mal-estar provocado pela Plataforma? Porque não falar como todos os outros, de modo a serem compreendidos e a não criar equívocos?

A responsabilidade moral (pois, no nosso caso, não pode senão tratar-se de responsabilidade moral) é individual pela sua própria natureza. Apenas o espírito de dominação, nas suas diversas manifestações políticas, militares, eclesiásticas, etc., pode considerar homens responsáveis por aquilo que não fizeram voluntariamente.

Se, entre homens que se puseram de acordo para fazer alguma coisa, algum deles, faltando ao seu compromisso, faz fracassar a iniciativa, todos dirão que é ele o culpado e, portanto, o responsável, e não aqueles que fizeram até ao fim tudo o que deviam fazer.

De novo, falemos como todos os outros; procuremos fazer-nos entender por todos e, talvez, assim encontremos menos dificuldade em nossa propaganda.

Dados técnicos:

* Este texto foi publicado em *Studi Sociali*, de 10 de julho de 1930.

* Tradutor desconhecido. Revisão: Felipe Corrêa.